

Entre história e memória, os caminhos da feminista Carmen da Silva

Ana Rita Fonteles Duarte
Universidade Federal do Ceará

RESUMO

Através da análise de escritos autobiográficos, este artigo examina a organização e construção da memória pela jornalista e escritora gaúcha Carmen da Silva. Procura-se compreender a articulação entre conceitos como história pessoal e história social e política, entre identidade individual e identidade de grupo.

PALAVRAS-CHAVES:

Memória – autobiografia - gênero

ABSTRACT

Through the analysis of writings autobiographics, this article examine the organization and construction the memory of the gaucha journalist and writer Carmen da Silva. This paper tried to understand the articulation between ideas as personal history and social and politic history, between individual identity and collective identity.

KEYWORDS

Memory – autobiography - gender

Para fazer surgir o sentido temos que tratar do sujeito individual tanto quanto da organização social e articular a natureza das suas inter-relações, pois ambos têm uma importância crucial para compreender como funciona o gênero e como se dá a mudança.

Joan Scott (1991)

Os estudos sobre memórias femininas, a partir do método de histórias de vida, tendem a considerar a autobiografia como o suporte para a memória mais útil no estudo dos processos de formação da identidade feminina. Nas autobiografias, as autoras-personagens costumam trabalhar a figura de si mesmas, levando em consideração, de forma consciente ou semiconsciente, os papéis sexuais e de gênero. Principalmente pelo caráter ativo que o narrador

assume na realização deste tipo de escrita.

No Brasil, a escrita memorialista feminina ganhou forte impulso nos anos de 1960, adquirindo um sentido de recuperação e reconstrução de uma identidade que, aos poucos, estava sendo esfacelada. A relação entre indivíduo e sociedade foi repensada e, com ela, os papéis tradicionais destinados às mulheres – os de mãe, esposa e dona de casa – foram fortemente questionados.

Nas décadas de 1970 e 1980 registrou-se um boom de publicações de autobiografias femininas, que pode ser explicado pela busca de preencher o vazio cultural e também existencial e discutir a própria condição feminina, à luz dos questionamentos próprios do momento. Muitas mulheres, conscientemente ou não, decidiram compartilhar suas vidas, falar de suas experiências.

Nesse momento, a tônica das narrativas teve menos preocupação de criar uma literatura feminina e mais a tentativa de recompor o mosaico de vidas expostas a uma sociedade mutante. Os estilos de escrita eram os mais variados possíveis. O que interessava era se apossar da palavra, tomar o discurso nas mãos, utilizar a liberdade, pouco a pouco conquistada, marcar presença no mundo em transformação.

Os relatos, em forma de livro, vinham desde catadoras de lixo a empresárias, professoras, artistas, estudantes, religiosas e marginais. Muitas rompiam a barreira das editoras, utilizando prestígio e credibilidade, conseguidos com o trabalho ativo e corajoso, em esferas como a comunicação de massa (rádio, TV, imprensa). Este foi o caminho percorrido pela escritora e jornalista gaúcha Carmen da Silva.

Nascida em 1919, no município de Rio Grande (RS), filha de família da burguesia média, Carmen tornou-se uma das jornalistas mais populares atuando em revistas femininas no Brasil. Trabalhou em *Claudia* onde escrevia mensalmente sobre a situação da mulher no Brasil, abordando temas que iam desde a dependência psicológica da mulher a temas polêmicos como aborto e liberdade sexual. Aos 63 anos, decidiu escrever sua autobiografia, publicada sob o título de *Histórias Híbridas de uma Senhora de Respeito*¹, em 1984, pela Editora Brasiliense. O trabalho teve como marca principal a utilização da narrativa de fatos pessoais como pontos de partida para a discussão da condição feminina no Brasil.

MEMÓRIAS DE UMA “SENHORA DE RESPEITO”

Carmen da Silva não quis seguir a trajetória da maioria das moças da

pequena e úmida Rio Grande (RS), nascidas e criadas durante as décadas de 20 e 30. Obstinação por construir uma vida desvinculada da realidade de dona de casa, mãe e esposa, preferiu sair em busca de novas experiências, quando se viu totalmente livre da autoridade dos pais, aos 24 anos. Viveu quase 20 anos fora do Brasil, entre o Uruguai e a Argentina, onde tomou contato, de forma mais intensa, com a literatura e descobriu sua <<condição plural>>, percebendo que havia algo de “errado” nas relações entre homens e mulheres.

De volta ao Brasil, no início dos anos sessenta, resolveu discutir a desigualdade entre os gêneros na sociedade. Procurou uma tribuna, encontrando-a nas páginas da Revista *Claudia*, integrante do Grupo Abril, onde escreveria por 22 anos ininterruptos, na seção *A Arte de Ser Mulher*. A revista, um dos indicadores da modernização por que passava a sociedade brasileira naquele momento, tornou-se espaço privilegiado para a discussão de temas, como a submissão feminina, a necessidade de independência, a crise do casamento, conflitos de gerações. Carmen se tornaria, mais tarde, porta-voz do movimento feminista internacional, divulgadora das principais lutas e teorias e uma das mais ativas colaboradoras na organização do movimento feminista ou neofeminista no Brasil.

Em 1982, já consagrada por seu trabalho em *Claudia* e contabilizando a autoria de dois romances e duas coletâneas de artigos, além de uma novela, resolveu registrar sua história de vida em autobiografia que seria publicada, dois anos mais tarde, pela Editora Brasiliense, com o título de *Histórias Híbridas de uma Senhora de Respeito*. Estilo bem-humorado e irônico, largamente experimentado na escrita de livros e artigos, tentou compor, através de sua memória, o painel da condição feminina, em pelo menos, seis décadas.

Mas quem escreve autobiografia e nela se inscreve pretende mais que relatar testemunhos sobre fatos ocorridos, em uma determinada época. Para que a escrita, em questão, seja considerada realmente como autobiográfica, é necessário que o autor se comporte não apenas como testemunha ocular da história. O objeto de discurso é ele próprio e não a história de sua época. Os fatos narrados não podem ofuscar o projeto inicial, que é a construção da história pessoal do próprio autor. Os acontecimentos só adquirem sentido, na medida em que foram observados e experimentados pelo autor-personagem.

A intenção de quem registra sua história é revelar-se, compartilhar, através da cumplicidade do leitor, sua vida, suas reflexões e experiências. Carmen da Silva, ao escrever a própria vida, parece ter tido a mesma vontade, aliada à necessidade de desmistificar a imagem construída, em torno de si,

por conta de seu trabalho em *Claudia* - mulher perfeita, desde sempre consciente e iluminada, apta a resolver qualquer situação. O texto, embora tenha revelado vida diversa da convencional, tentou estabelecer, principalmente com as leitoras, uma relação de proximidade. Carmen não quis que suas escolhas diferentes fossem vistas como caminhos impossíveis de serem trilhados por outras mulheres, mas, ao mesmo tempo, não abdicou da possibilidade de oferecer sua vida como exemplo.

Foi, principalmente, a partir de sua vivência como feminista atuante, seja no movimento organizado de mulheres, seja através da tribuna em *Claudia*, que Carmen da Silva tomou a descoberta de sua condição de mulher para selecionar aquilo que gostaria de contar a seu público leitor.

La construcción de una historia de vida es el modo mediante el cual el individuo representa aquellos aspectos del pasado que son relevantes para la situación presente. (...) Las historias de vida no son, por tanto, una colección de todos los acontecimientos del curso de la vida individual, sino más bien <<autoimágenes estructurales.²

Acomodando a memória, por meio das ações de lembrar e esquecer, está-se também construindo um sentido para sua identidade individual e de grupo. Este aspecto é amplamente utilizado pela escrita de Carmen que tinha, como principal característica, a exemplo de outras memorialistas feministas, a tentativa constante de demonstrar a articulação de sua história pessoal com a história social e política. Não se tratava simplesmente de um estilo adotado, mas do fato de esta ter sido sua concepção sobre a forma possível e válida para contar a história de vida.

Fruto da geração que entendeu a politização dos problemas privados e pessoais, como primeiro passo para a mudança nas relações entre os sexos, seu pacto autobiográfico,³ explicitado em pequena nota de apresentação, no livro *Histórias Híbridas de uma Senhora de Respeito*, demonstra claramente esta noção:

“Histórias” porque recuso o anglicismo “estórias”, com sua intenção marota de traçar uma linha divisória entre o pessoal e o coletivo, desvinculando os sucessos individuais do curso da História. A grafia com agá-i enfatiza a minha convicção de que o privado é político.⁴

O compromisso da escritora foi, em grande parte, cumprido e reafirmado em cada parágrafo das 189 páginas do livro. Momentos narrativos presentes, em grande parte das autobiografias, como relatos pessoais sobre a

infância, a adolescência, a descoberta da sexualidade, o trabalho, a diversão, a velhice, foram utilizados por Carmen como pontos de partida para a reflexão sobre a opressão feminina e as relações de poder entre os sexos.

Sob esse aspecto, Carmen não inovou, mas mostrou, com contundência, sua filiação ao pensamento iniciado por outras escritoras, como Simone de Beauvoir. A feminista francesa justificou, dessa forma, a escrita de seu mais famoso livro *O Segundo Sexo*: “Querendo falar de mim, descobri que era preciso falar da condição feminina”. Através desta escolha, as duas escritoras promoveram o encontro consciente entre vida, obra e história.

Carmen procurou dar conotação diferenciada às lembranças, investindo na politização do que narrou, tentando, desde o início de seu livro, evidenciar as diferenças e conflitos presentes nas relações homem-mulher.

A própria escolha por iniciar sua narrativa com o relato do nascimento, em 31 de dezembro de 1919, algo praticamente impossível de ser disponibilizado pela memória de qualquer pessoa comum, demonstra a tentativa de fazer refletir sobre a condição feminina nessa época. A linguagem psicanalítica e a abordagem científica dada a alguns temas tratados, marca registrada do trabalho da jornalista, em *Claudia*, também aqui se fizeram presentes:

Como todo mundo, nasci encarquilhada e roxa. Fui recolhida por mãos capazes, pendurada de cabeça para baixo e levei a clássica palmada que, segundo a ciência já provou, não traz nenhum benefício ao bebê. Serve, isto sim, para que um homem despeitado desabafe agressão contra o fruto que não é de seu ventre. Serve, para quem em nome da solidariedade masculina, um homem castigue um alguenzinho que virá a usurpar a outro homem - o pai oficial - uma parte do tempo, do afeto e do interesse da mulher que ele considera como sua propriedade exclusiva. Um bebê recém-nascido e um adulto disputando a supremacia dentro de casa, ambos querendo mamar da mesma mãe, costumam dar muita alteração.⁵

O diálogo constante com escritores com os quais compartilhava opiniões marca os relatos da jornalista. Há uma relação privilegiada com a escritora francesa Simone de Beauvoir que começa pela semelhança entre os títulos das autobiografias. *Memórias de uma moça bem comportada*, publicada por Beauvoir em 1958, é uma narrativa que procura captar o processo de transformação da escritora em feminista. O diálogo continua, desenrolando-se, ainda, nas folhas de rosto, numa espécie de metatexto onde Carmen manifesta antecipadamente sua opinião sobre o feminino, utilizando a frase mais célebre de Beauvoir: “*On ne naît femme, on le devient*”.

Citar outros autores, assim como enumerar autores prediletos,

incorporando trechos aprendidos de cor, é comum a autobiografias de pessoas íntimas da leitura e da escrita, como era Carmen: três romances publicados, prêmio da Sociedade de Escritores Argentinos. Esse saber de cor compõe uma experiência com a escrita e com a leitura, que se manifesta através de diferentes formas de sociabilidade e que sem dúvida participa e elabora a própria atividade da escrita autobiográfica.

Éramos meninas ingênuas, inexperientes, mas não propriamente analfabetas, vazias ou mais complexadas que o resto das pessoas. Tínhamos uma sólida saúde, boas famílias, instrução secundária, algumas entre nós se preparavam para cursar uma faculdade em Pelotas ou em Porto Alegre. Em nossas cabeças buliam as perguntas clássicas dos dezoito anos (...) Algumas vinham de casas onde havia excelentes bibliotecas e, pelo menos, as garotas do meu grupo eram sôfregas leitoras: Stendhal, Flaubert, Machado de Assis, Eça, Thomas Mann, Knut Hamsun. Hans Fallada acabava de se perfilar no campo editorial, Huxley se tornara moda e passávamos horas a fio debatendo Point Counterpoint. Sozinha em meu quarto eu me escabelava recitando Shakespeare e Corneille no original – aliás, foi assim que consegui curar uma leve gagueira de timidez que me afetara em meu primeiro ano de escola normal. Entupia-me de Nietzsche, Ingenieros, Krishna Murti, Ortega y Gasset – uma salada, um emaranhado difícil de destrinchar, mas algo estimulante que subia à cabeça como um vinho.⁶

Os relatos sobre a infância, em uma autobiografia, seguem dois caminhos possíveis: a identificação ou o distanciamento.⁷ No primeiro caso, o autor-personagem busca identificar traços da infância que deram origem à sua personalidade, analisando momentos decisivos nesse processo, reafirmando os traços psicológicos que perduram no momento da escrita. Já no segundo caso, o autor mostra a dificuldade em compreender como pôde pensar ou se comportar de tal maneira, algum dia, reafirmando a diferença entre a pessoa que se inscreve e aquilo que um dia ela foi. Ainda neste caso, os momentos da infância podem ser observados com nostalgia ou simplesmente repúdio.

Carmen da Silva busca em seu passado de menina os momentos decisivos ou atitudes que não lhe permitiram seguir o destino da maioria das moças nascidas e criadas nas décadas de 20 e 30, na pequena cidade de Rio Grande (RS). Ela procura estabelecer claramente ao leitor episódios ou ações que permitiram que ela se juntasse a outras mulheres no questionamento às estruturas tradicionais de poder entre homens e mulheres. O comportamento “rebelde” desde a infância é destacado em vários episódios: o primeiro baile, a primeira menstruação, a relação com a mãe, a opção em sair da cidade e ir morar sozinha no Uruguai, aos 23 anos.

Mas cresci, fiquei órfã, dona de meu nariz – embora essa seja a parte da própria anatomia sobre a qual menos direito as mulheres têm a reivindicar –, saí de casa e fui morar sozinha em Montevideú. Uma diferença do dia para a noite com meu rincão provinciano: antes da invasão dos gorilas, o Uruguai era um belo país, civilizado, culto, com excelente padrão de vida e hábitos evoluídos. E eu aí comecei a construir minha nova existência, sem ser filha de ninguém, sem amparo econômico ou de qualquer outra espécie, tendo de criar meu próprio escaninho social, suando por mim mesma o aluguel do pequeno apartamento, o telefone, o sustento, a condução, as roupinhas para manter um visual apresentável.⁸

A descoberta dos prazeres e desprazeres da vida de “mulher sozinha” também estruturou o pensamento rememorativo de Carmen. Seu comportamento e suas reações à discriminação que sofria, ao assédio sexual de que foi vítima tornaram-se pontos de partida para uma discussão mais ampla acerca da condição feminina. As impressões sobre esses acontecimentos tornavam os relatos essenciais na construção do personagem Carmen da Silva por ela mesma.

Ela, entretanto, nesses instantes, não se pretendia singular. Tinha consciência de que suas experiências, embora únicas, eram compartilhadas em menor ou maior grau por inúmeras outras mulheres. A forte noção de “mulheres” como irmandade, que deve se unir contra a opressão masculina, utilizada amplamente pelo movimento feminista, perpassava suas reflexões pessoais, como podemos notar nestes trechos:

Já na faixa dos vinte anos comecei a suspeitar (só bem mais tarde passei da suspeita à certeza) de que o prazer do Excelso Garanhão consiste precisamente nisso, na sensação de poder que lhe advém de impor a outrem o insulto, a vergonha, a humilhação, o ódio impotente. Covardemente baseado na segurança da impunidade: ele sabe que não está correndo qualquer risco, vai sair sem o mínimo arranhão físico ou psíquico, graças ao maior aliado do machismo: o condicionamento feminino.⁹

Inútil dizer não. Homem nenhum admite uma negativa feminina fundada na singelíssima razão de que ela não quer nada com ele – e isso continua sendo válido ainda hoje, quando os recusados nos acusam de quadradice pequeno-burguesa e/ou frigidez congênita. Aceitar um não pressupõe abandonar sua auto-imagem de irresistível Don Juan. O que já é bem grave, mas não é o pior: pressupõe ainda reconhecer na mulher uma subjetividade, uma vontade, um direito de escolha. E se eles começam a conceder tanto assim, onde é que vão parar?¹⁰

A opção por não ter filhos poderia ter passado como mais um dado,

entre tantos outros presentes em sua vida de mulher anticonvencional (cultista, escritora, durante muito tempo amante de seu chefe, executiva de uma firma de importação e exportação, bebia, fumava e, segundo ela, dispensava os “típicos trejeitos femininos”). Mas há uma clara opção por transformar o assunto em discussão sobre a maternidade como opção a cargo de cada mulher.

Mulher foi feita para quê? Para casar e ter filhos. O que é que toda mulher quer da vida? Casar e ter filhos. De que modo uma mulher se sente realizada? Casada e com filhos. Dogma: fora do casamento não há salvação. Falou, tá falado.

Ninguém pergunta o que ela realmente é, ninguém quer saber de seus sonhos, suas fantasias, suas ambições, ninguém lhe dá a mínima chance de olhar em torno e vislumbrar outras possibilidades, outros caminhos. Ela pode carregar em si o potencial de um Shakespeare, um Michelangelo, um Einstein, um Beethoven, um Stanislavsky, ninguém está querendo saber nada, não interessa o que a mulher possa ter na cabeça e sim o que ela tem ou terá no ventre.¹¹ (...) a maternidade com que nos acenam vem cuidadosamente expurgada de seus aspectos prosaicos, o que nos mostram é puro Fra Angelico, a Madonna com o bambino aureolado nos braços desdobrando fibra por fibra o coração, rodeada por uma guirlanda de louros querubins, sem jamais perder o ar de êxtase. Seria impensável a Madonna arregaçada, agachada no tanque. *Ou o bambino com a boca aberta num desses homéricos berreiros que não acabam nunca e enlouquecem qualquer mãe.*¹²

A questão da sexualidade é trabalhada de maneira similar em sua escrita. Os relacionamentos, a observação sobre os casamentos de amigas próximas e a própria descoberta do corpo são tratadas dentro de uma dimensão política, que privilegia as relações de poder entre os sexos, deixando de lado detalhes sobre experiências sexuais e revelações indiscretas que recheiam grande parte das autobiografias atuais. Os amantes são designados por abreviaturas (Mr. F) ou chamados apenas pelo primeiro nome (René, Alex). Ao final do texto, a opção por não contar com todas as letras é explicada.

Contei com orgulho e alegria algumas de minhas estréias. Não todas porque não pertencem à geração da nudez total, das minuciosas crônicas de alcova e dos caudalosos relatórios horizontais tão do gosto de nossas logorréicas vedetinhas: na minha opinião, catarse tem hora e lugar.¹³

Opção semelhante é adotada por Simone de Beauvoir em sua autobiografia. Ela prefere não expor sua subjetividade, contando os pormenores de sua vida íntima. Opta pelo relato dos fatos “como eles

aconteceram”. Segundo Philippe Lejeune, cabe ao leitor decidir se este tipo de drible foi inspirado pela discrição ou pela habilidade.

Outras semelhanças entre memórias feministas não são mera coincidência. É o caso do repúdio à religião e a afirmação da ação dos indivíduos como forma de mudar a sociedade. A idéia é afirmada num dos últimos capítulos por Carmen.

Atéia e sartriana, acredito que a experiência em si não tem qualquer significado ou validade. Tanto melhor: cabe a nós, os viventes, edificar sobre o vazio, construindo num terreno sem entulhos nossa própria razão de viver. A minha se chama precisamente nós, os viventes.¹⁴

A consciência do envelhecimento, assunto que encerra seu livro, e que tantas vezes foi abordada por ela em seus artigos, é tratada com ironia e bom humor como outros temas ao longo de suas lembranças. Carmen opta por encerrar seu contato com os leitores, fazendo um balanço da própria existência, justificando a escolha do feminismo como campo de atuação.

Escolhi o feminismo como forma específica de luta porque é o terreno onde piso com mais segurança, maior conhecimento de causa: branca, alfabetizada, originária da burguesia média – no tempo em que isso ainda existia no Brasil –, a opressão sexista é a que mais intensa e diretamente senti na própria carne. Meus calos mais vulneráveis eram os de mulher. Mas não seja por isso: se me solicitarem outras empresas em que me possa desempenhar mais ou menos bem, estamos aí. Modestamente.¹⁵

A autobiografia de Carmen da Silva constitui-se dessa forma em um importante documento, ponto de partida para pensarmos o papel de gênero como operador de diferenças, na organização das relações sociais e surgimento de comportamentos que se diferenciam daquilo que se convencionou como padrão em nossa sociedade.

A riqueza das memórias e sua forma de organização superpõem-se à necessidade positivista de algumas pesquisas, no campo da história, em reconstruir o “passado verdadeiro”, tal e qual tenha acontecido. Para o trabalho com memórias é mais importante a observação dos movimentos de idas e vindas, entre o passado e o presente, da narração e a percepção de como o indivíduo que narra se percebe e se conta em meio à trama histórica e social.

Concepções como as de A.J.P Taylor¹⁶ de que “as memórias escritas são uma fonte de história oral, feita para enganar os historiadores”, “inúteis”, uma vez que o conteúdo seria “positivamente ajustado aos gostos do público

leitor”, não podem fazer com que descartemos tão facilmente esse tipo de fonte. Uma das coisas a se ter em mente, ao trabalhar com tão fascinantes narrativas, é considerar as autobiografias como meio de interpretação, mais que uma declaração auto-suficiente de verdade.

NOTAS

- ¹ SILVA, Carmen da. *Histórias Híbridas de uma Senhora de Respeito*. 2 ed. São Paulo. Editora Brasiliense, 1985. Esse texto foi originalmente apresentado durante o Seminário Internacional Fazendo Gênero V, realizado no período de 08 a 11 de outubro, em Florianópolis (SC). Esta versão apresenta algumas modificações.
- ² KOHLI, Martin. Biografia: relato, texto, método. In: MARINAS, José Miguel e SANTAMARINA, Cristina (orgs). *La historia oral: métodos y experiencias*. Madri: Editora Debate, 1993, p.17.
- ³ O pacto autobiográfico é componente obrigatório e necessário em uma autobiografia. “L’autobiographe est um genre fondé sur la confiance, um genre ‘fiduciaire’, sil’ont peut dire”. É através dele que o autor se compromete em ser mais sincero possível no que está escrevendo. É no pacto que ele explicita a coincidência entre o personagem da obra escrita e ele mesmo, assumindo as experiências e reflexões relatadas como suas. O pacto pode ser manifesto através de notas iniciais, explicações, declarações de intenção contidos no próprio livro ou manuscrito, ou até mesmo em entrevistas por ocasião do lançamento da obra. LEJEUNE, Philippe. *L’autobiographie em France*. 10^o edition. Paris: Armand Colin, 1998, p.17.
- ⁴ SILVA, Carmen da. *Histórias Híbridas de uma Senhora de Respeito*. op. cit., p.7.
- ⁵ Ibid, p.9.
- ⁶ Ibid, p.27/28.
- ⁷ Cf. LEJEUNE, Philippe. op.cit.
- ⁸ In SILVA, Carmen da. op. cit. p.32.
- ⁹ Ibid, p.37.
- ¹⁰ Ibid, p.34.
- ¹¹ Ibid, p.64.
- ¹² Ibid, p.66.
- ¹³ Ibid,p.173.
- ¹⁴ Ibid, p.188.
- ¹⁵ Ibid, p.189.
- ¹⁶ Citado por THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado - História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p-142.